

Renato Borghetti: *Minha música vem de um Brasil pouco conhecido*

Renato Borghetti, o rei da música instrumental gaúcha, começou tocando uma gaita ponto que ganhou de seu pai, tendo composto sua primeira música quando tinha 10 anos. Famoso pela combinação de elementos clássicos da música do Rio Grande do Sul com outros estilos, como o forró, o samba e o jazz, ele virou o mais admirado representante da música gaúcha fora do estado. Borghetti, que é descendente de alemães, está divulgando seu novo CD, “Fandango”, na Europa. Ele falou para a Tópicos sobre sua música, seu novo trabalho, seus planos e sua região de origem – o Sul do Brasil.

DAS INTERVIEW FÜHRTE: LORETTA BARTEL

Tópicos: Como você descreveria sua música?

Renato Borghetti: Eu faço música instrumental do Rio Grande do Sul, música regional gaúcha, que é uma mistura de vários estilos. Qual seria o diferencial dentro de um Brasil tão grande? No Brasil, os costumes e a cultura se originam no índio, no português e no negro. No Rio Grande do Sul, a influência espanhola é muito grande por causa da Argentina e do Uruguai. No Sul do Brasil, há a influência dos imigrantes europeus. O Sul do Brasil tem uma cultura diferenciada com essas variações.

Portanto você combina elementos musicais diferentes?

Sim.

Mesmo assim, sua música não deixa de ser autenticamente gaúcha.

E brasileira. Para deixar claro: é um Brasil que muitas pessoas conhecem pouco.

Quais são os elementos que mais influenciam a sua música?

Os elementos tradicionais do folclore gaúcho, cuja música se baseia no índio, no português e nos imigrantes europeus em geral. Muitos ritmos gaúchos têm origem européia, como o xote, de origem alemã, e a rancheira. A vaneira é uma música africana e a nossa milonga tem origem espanhola. Todos esses ritmos foram aculturados. Mas eu procuro não perder a identidade da minha música, faço uma música um pouco mais moderna e atual, mas

sempre tomo muito cuidado com a dose para não perder minha principal referência, que é uma música do Sul do Brasil, uma música gaúcha.

Será exatamente essa dosagem a razão de tanto sucesso não só no Brasil como também no exterior?

A dosagem nem sempre é a mesma. Numa viagem como esta, as pessoas conhecem diversos ritmos que naturalmente interferem na música, redefinindo-a. Mas procuro não perder a origem da música para ninguém dizer: “Isso não é música gaúcha”. O Sul do Brasil é muito politizado, essa preocupação é natural para mim, pois vivo desde pequeno num meio muito tradicionalista.

Existe algum ponto em comum entre a gaita e a música tradicional alemã ou austríaca?

O acordeom chegou ao Brasil pela imigração alemã e italiana. Parece-me que chegou primeiro com os alemães e os italianos trouxeram mais a arte de fabricar os instrumentos. No Sul do Brasil ainda existem muitas fábricas de acordeom de origem italiana.

A gaita ponto está passando por uma fase difícil. Ainda existem muitas pessoas que sabem tocá-la?

Em relação à gaita em geral, houve um tempo em que ela foi muito tocada no Brasil, mas com a chegada dos instrumentos eletrônicos, nos anos 70, os jovens começaram a se interessar muito mais por esses instrumentos do que pelos tradicionais. Isso fez com que a gaita perdesse um pouco da rele-



vância que tinha na música brasileira. Dos anos 80 em diante tenho observado alguma melhora, principalmente no Sul do Brasil, onde poucas pessoas tocavam a gaita ponto que eu toco. Hoje já há muitos jovens músicos, mas infelizmente também existe uma dificuldade muito grande de se conseguir instrumentos devido à diminuição do número de fábricas.

Como é possível adquirir os instrumentos, então?

Através da importação ou de fábricas artesanais. Existem também muitas pessoas que fazem o conserto do instrumento dentro de casa e, como possuem o equipamento, também fabricam duas ou três gaitas.

Os jovens que optaram por tocar a gaita ponto foram inspirados por você?

Na gaita, acredito que sim.

Tem uma diferença muito grande entre a sua gaita e o acordeom?

A minha gaita é um acordeom, mas é um sistema de gaita chamado diatônico. Ela não possui todos os pontos do teclado e por isso não pode tocar todas as músicas.

Você improvisa muito?

Sim, improviso.

Qual a percepção da sua música no exterior, comparando com o Brasil?

Eu faço música instrumental, que tem público no mundo inteiro. Como a música é instrumental, você não precisa entender uma língua para acompanhá-la e isso faz com que ela seja global. Claro que é uma música para quem gosta de música instrumental, tradicional, mesmo misturada a elementos modernos.

Houve muitas apresentações na Áustria. Por quê?

A nossa gravadora e a nossa empresária são austríacas. Por isso, a nossa entrada na Europa foi feita pela Áustria em 2000, apesar do primeiro show ter sido na Alemanha muitos anos antes.

A percepção naquela época foi a mesma?

Éramos muito jovens, estávamos aprendendo ainda e fizemos um passeio com shows. Hoje em dia nos apresentamos todos os invernos aqui. Em julho ou agosto participaremos do festival de verão na Alemanha. Tenho uma ligação muito grande com o país devido à minha origem alemã.

Você tem contatos com músicos alemães?

Não, apenas com brasileiros que residem aqui.

O Brasil se encontra num acelerado processo de urbanização. No entanto, a sua música sobre a vida no campo não deixa de fascinar (lembramos aqui que você mistura à sua música sons de campo, vacas mugindo, barulho da chuva). Por que a música “do campo” ou “da terra” penetra nas cidades? Você diria que é nostalgia?



O Rio Grande do Sul é principalmente um estado com vocação agrícola e pastoril. Até uns tempos atrás a região era chamada de celeiro do Brasil. O gaúcho também faz a sua migração. Não para os centros urbanos no eixo Rio-São Paulo, mas para o oeste de Santa Catarina, para o Mato Grosso e até para a Bahia, desenvolvendo atividades relacionadas à lavoura e à pecuária. O gaúcho interage muito pouco com a cultura local e com as pessoas, criando na nova região um outro Rio Grande do Sul, mantendo a cultura gaúcha em várias regiões. Então esses gaúchos têm um sentimento pelas suas origens talvez muito mais forte do que o dos gaúchos que moram no Rio Grande do Sul. Os gaúchos são muito arraigados à terra, aos seus costumes e às suas raízes, são todos ligados à criação de cavalos e de gado e à plantação. Depois de trabalhar fora, muitos gaúchos voltam para casa.

Quais as características do seu novo CD?

Antigamente, para gravar CDs, você tinha que ir para São Paulo ou para o Rio de Janeiro porque lá ficavam os estúdios de gravação. A maioria dos meus discos foi gravada em Porto Alegre. Também já gravei em São Paulo, sempre na cidade porque os estúdios se encontram nos grandes municípios. Só que a minha música é rural, ela nasce no campo. Já tínhamos feito um

CD num teatro e no segundo clipe eu queria fazer uma mistura do equipamento tecnológico com o campo. Por isso levamos esse equipamento para uma fazenda e os instrumentos de última geração ficaram com toda a influência da natureza. Chegamos sem as músicas prontas para gravar. Todo o processo de criação ocorreu na própria natureza.

A sua gaita é italiana?

Sim, é fabricada na Itália.

E o chapéu?

Faz parte da roupa tradicional, como as botas e o lenço.

Qual a principal mensagem da sua música?

O principal é mostrar todo o Brasil, mostrar um Brasil que tem muito a ver com a cultura europeia. O que eu faço é uma consequência daquilo que nossos antepassados fizeram, uma mistura entre os imigrantes europeus e o povo que morava na região do atual Rio Grande do Sul. Expresso esse sentimento através da música. Mostro aos brasileiros que estão fora do seu país e aos europeus e alemães que têm carinho pela música, pela cultura e pela história brasileiras que dentro do Brasil há uma variedade musical riquíssima. ■